

A importância da pesquisa no Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte: o exemplo dos estudos sobre a Capela de Santo Antônio de Pompéu, em Sabará

Flávia Costa Reis

Historiadora no Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte – Bacharel e Licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, cursando especialização (pós-graduação Lato sensu) em História da Arte pela Faculdade Estácio de Sá.

Resumo: O texto versa sobre a importância da pesquisa nos trabalhos do Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, notadamente no Inventário do Patrimônio Cultural, em seu empenho na proteção dos bens culturais da Igreja Católica. O projeto busca não só a inventariação, mas sua catalogação, analisando cada peça relacionada em seus aspectos histórico, estilístico, iconográfico, técnico e estado de conservação, requerendo, assim, extensa pesquisa arquivística e bibliográfica. Nesse sentido, a título de exemplo, se apresenta, aqui, os estudos realizados na Capela de Santo Antônio, localizada no povoado de Pompéu, em Sabará, durante a elaboração de seu livro de inventário, mais especificamente aqueles desempenhados sobre os painéis localizados no forro e nas paredes da capela-mor, datáveis da primeira metade do século XVIII, perpassando pelas informações históricas e sua análise artística que fizeram parte do livro de inventário da capela. A catalogação de seus bens trouxe consigo não só o conhecimento de tão valioso acervo, mas também propiciou importante meio para sua proteção¹.

Palavras-chave: Patrimônio cultural, inventário, pesquisa

The importance of the reserch at Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte: The example of studies about the Capela de Santo Antônio de Pompéu in Sabará.

Abstract: This article is about the importance of the research on the works of Archdiocese of Belo Horizonte's Memorial, especially in the Inventory of Cultural Heritage, in its commitment to the protection of cultural assets of the Catholic Church. This project seeks not only the inventory, but its cataloging, analyzing each piece related to its historical, stylistic, iconographic, technical and state of conservation

¹ Artigo apresentado no Seminário Preservação dos Bens Culturais da Igreja do Brasil – promovido pela Puc Minas e Arquidiocese de Belo Horizonte, em 2017.

aspects, thus requiring extensive archival and bibliographical research. In this sense, the studies about Santo Antônio Chapel, located in the district of Pompéu, in Sabará, during the elaboration of its inventory book, will be presented here, more specifically the studies about the panels located in the liner and on the walls of the main chapel, dating from the first half of the eighteenth century, through the historical information and artistic analysis that were part of the chapel's inventory book. The cataloging of its assets brought with it not only the knowledge of such a valuable collection, but also provided an important mean for its protection.

Keywords: Sacred Cultural Heritage, inventory, research.

O Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, inaugurado no ano de 2010, tem buscado ao longo de sua existência a valorização, divulgação e proteção dos bens culturais da Igreja Católica, no âmbito dos 28 municípios que o compõe. Sendo composto por quatro unidades: o Arquivo Arquidiocesano, o Inventário do Patrimônio Cultural, o Centro de Promoção e Divulgação Cultural de Religiosa e o Museu Arquidiocesano de Arte Sacra, seus projetos são levados adiante por equipe multidisciplinar composta por arquitetos, historiadores, museólogos e arquivistas, além das parcerias firmadas com restauradores, engenheiros, geógrafos, entre outros,

Dentre os setores citados, o Inventário do Patrimônio Cultural, foi criado no ano de 2000, ainda como projeto da Puc Minas, como forma de atender ao apelo da Igreja Católica, divulgado em Carta Circular intitulada *Necessidade e Urgência da Inventariação e Catalogação do Patrimônio Cultural da Igreja* que diz: “Cuidar do patrimônio histórico-artístico eclesiástico é uma responsabilidade cultural que atinge a Igreja em primeiro plano.” (1999, p. 59). Partindo do princípio que se deve conhecer, para então proteger, é realizada a inventariação dos bens culturais dentro dos municípios da Arquidiocese de Belo Horizonte, com criteriosos estudos para a catalogação de seu acervo.

Buscarei me deter aqui, em especial, na função exercida pelo historiador e seu trabalho de pesquisa, que carrega em si “[...] íntimo parentesco entre a construção do conhecimento histórico e o preservacionismo.” (D’ALESSIO, 2012, p. 79). Em sua atuação no Memorial da Arquidiocese, busca-se perpassar por vários campos de estudo, com um objetivo em comum: o conhecimento aprofundado dos bens culturais que se

pretende proteger. Especificamente no que diz respeito ao Inventário do Patrimônio Cultural, o acervo de determinada igreja é por ele analisado em seus aspectos histórico, iconográfico e estilístico. Além de serem feitas as análises técnicas e de estado de conservação. Toda essa análise é executada tanto nos bens imóveis, os edifícios das igrejas e capelas pertencentes à Arquidiocese – nesse caso, em parceria com o arquiteto –, quanto nas peças consideradas bens integrados, como retábulos, pias batismais, balaustradas, ou bens móveis, como peças de imaginária, cálices, castiçais e demais objetos litúrgicos ou paramentos.

A pesquisa histórica é executada de forma mais aprofundada quando se trata de bem imóvel, entretanto ela também busca ser feita nos bens móveis, mesmo nos menores. Apesar da dificuldade de se encontrar documentos sobre tais objetos, já que grande parte se perdeu, ou muitas vezes não foi sequer registrada sua aquisição, pesquisa-se nos livros de Tombo, de atas, de receitas e despesas, ou qualquer fonte que tenhamos à disposição, que seja referente à igreja em estudo, visando localizar algum tipo de informação sobre seus bens. Utilizando-se dos meios possíveis na ocasião dos levantamentos, e com o curto prazo que normalmente é disponibilizado, se busca informações em arquivos eclesiais arquidiocesanos e paroquiais – de Belo Horizonte, Mariana ou mesmo Rio de Janeiro (caso haja possibilidade) –, Arquivo Público Mineiro, Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, Arquivos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan e Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico - Iepha/MG, além daqueles com conteúdo disponibilizado online, como Arquivo Nacional da Torre do Tombo e a documentação do Arquivo Histórico Ultramarino, digitalizada no Projeto Resgate da Biblioteca Nacional. Ressalta-se que toda essa pesquisa arquivística vem acompanhada de ampla pesquisa bibliográfica sobre os objetos estudados e seu contexto histórico.

Dá-se, a título de exemplo, a documentação que nos foi enviada pelo Arquivo Central do Iphan, no Rio de Janeiro, referente à Igreja de São Francisco de Assis, de Sabará, quando do período de execução do seu livro de inventário. Nela, pode-se ver listagens executadas por volta do ano de 1900, em que contavam todos os bens existentes na igreja à época, podendo-se fazer um comparativo com o que ainda subsiste. Sendo assim, todas as informações encontradas tornam-se importantes para um completo e satisfatório preenchimento das fichas catalográficas.

Os passos seguintes à pesquisa histórica, já citados, a análise iconográfica, estilística, técnica e de estado de conservação do bem, requerem, também, ampla pesquisa bibliográfica, estudos e leituras para sua execução, a fim de que os textos apresentados na ficha, apesar de sucintos, contenham o básico das informações que identifiquem a peça. Seguindo dessas diretrizes, executou-se o inventário da Capela de Santo Antônio², no povoado de Pompéu, em Sabará, tendo sido finalizado no ano de 2015. O texto que segue trata-se de uma compilação dos dados levantados pelo historiador no estudo da capela e, mais especificamente, dos painéis existentes em sua capela-mor.

A Capela de Santo Antônio de Pompéu e a pintura mineira da primeira metade do século XVIII

A pintura colonial mineira é tema já bastante estudado nos meios acadêmicos, notadamente aquela que se refere à segunda metade do século XVIII, de partido rococó, bem como as obras executadas ao longo do século XIX, ainda no citado estilo ou, mais tardiamente, nele inspirado. A maioria das obras desse período era executada nos forros das igrejas e capelas de Minas Gerais, tendo seus temas inspirados na iconografia de seus respectivos padroeiros. Geralmente se tratavam de pinturas com o emprego de elementos arquitetônicos executados em perspectiva, com o uso de balaustradas, balcões, colunas, arcos e mísulas. “Complemento das ambientações cenográficas da talha, as pinturas ilusionistas dos tetos abobadados em tabuado corrido tornam-se correntes no rococó mineiro, do qual são, sem dúvida, um dos aspectos mais originais. (OLIVEIRA, 2007, p. 380). Não nos deteremos aqui, no entanto, no detalhamento de suas técnicas ou na descrição de seus grandes mestres, pois, como já foi dito anteriormente, trata-se de tema já bastante discutido, principalmente em seus pontos teóricos, por grandes estudiosos da História da Arte Mineira.

As representações pictóricas executadas na primeira metade do século XVIII, entretanto, são bem menos discutidas nos estudos sobre a arte do período. Suas obras possuíam técnica bem diferenciada, e até menos apurada, em relação às pinturas de forro que seriam trabalhadas posteriormente. Eram comumente executadas em forro de caixotões, mais frequentes nas igrejas e capelas do início dos setecentos, ou em painéis

² Tombada pelo Iphan no ano de 1958. Livro de Belas Artes; Inscrição:445; Data:8-9-1958. Nº Processo:0547-T.

parietais. Algumas delas tratavam-se de composições com “[...] arabescos florais desenvolvidos simetricamente em torno de um núcleo central” (COSTA, 1961, p. 177), havendo, também, as composições figurativas, apresentando histórias da Bíblia ou de seu santo padroeiro. Nestas “Além da intrínseca função decorativa, as pinturas dos tectos em caixotão, tem uma função catequizadora, transmitindo uma mensagem visual aos crentes.” (RODRIGUES, 2010, p. 85.) Estilisticamente, possuíam figurações ingênuas e até estáticas, sem grande preocupação com profundidade ou perspectiva. Suas cores eram em tons de sépia, escurecidas, com “colorido sombrio” (COSTA, 1961, p. 177), sem grandes variações, com paleta que pouco variava além dos tons de terra, vermelho, marrom e ocre.

Estudo publicado na Revista do Iphan nº 18, de 1978, aponta a carência de pesquisas relacionadas à pintura da primeira fase da ornamentação barroca, proveniente das primitivas igrejas mineiras, pois a maioria dos autores apenas perpassa, sem grande aprofundamento, por tal tema. “O estudo direito das obras dos antigos pintores mineiros não oferece, como já se adiantou, senão elementos escassos para o estudo de sua fase inicial.” (ANDRADE, 1978, p. 14). As dificuldades encontradas são muitas, entre elas o fato de a documentação de época ter em parte se perdido, o que acarreta o desconhecimento de autorias e de datas específicas. As análises podem ainda ser dificultadas pelo estado de conservação em que se encontram as obras que ainda subsistem, algumas delas muito deterioradas ou, ainda, alteradas por restaurações mal executadas.

Dentre as igrejas remanescentes do período que ainda possuem exemplares de suas pinturas originais, Andrade cita a Capela de Nossa Senhora da Expectação do Parto, ou Capela do Ó, em Sabará, por sua “maior ancianidade” (p. 14, 1978). Citada por Germain Bazin como “uma das criações mais requintadas da arte barroca” (BAZIN, 1956, p. 340), a capela é datável de 1720, nela se encontra bela amostra para estudos de ornamentação e das obras, tanto de pintura, quanto de talha, pois conserva a maior parte de suas feições originais, com poucas alterações. A Capela é totalmente revestida de painéis retangulares, um total de 44 deles, que ocupam as paredes e forros da nave e capela-mor (figura 1), além do forro do átrio. No arco-cruzeiro, a ornamentação é complementada por sete painéis com motivos de inspiração oriental, compostos por pintura a ouro sobre fundo azul escuro, com figuração de pagodes, vegetação e aves do

paraíso, conhecidos como Chinesices ou “Chinoiserie”, tendência decorativa encontrada em algumas igrejas e capelas do início do século XVIII.

Figura 1- Forro de caixotões - Capela-mor - Capela de Nossa Senhora do Ó



Foto: Inventário do Patrimônio Cultural – Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte.

No referido artigo, são citadas outras igrejas que conservam exemplares de painéis que se enquadram nessa tipologia, algumas já bastante modificadas, não só por um desfavorável estado de conservação das obras, mas também por alterações posteriores em sua ornamentação, com complementações decorativas de momentos e partidos posteriores àqueles primitivos. Pretendemos, aqui, acrescentar a essa lista, representando as obras do período, a pequena Capela de Santo Antônio³(fotografia 2), localizada no povoado de Pompéu, também em Sabará, que possui, em sua ornamentação, painéis com as características enumeradas anteriormente, que retratam milagres e cenas da vida de seu padroeiro.

³ Pesquisa desenvolvida para o Inventário do Patrimônio Cultural, do Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte: Inventário do Patrimônio Cultural da Capela de Santo Antônio, em Pompéu, Sabará, 2015.

Figura 2 - Capela de Santo Antônio - Pompéu – Sabará



Foto: Inventário do Patrimônio Cultural – Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte

A localidade onde a capela foi erguida era conhecida como Arraial do Pompéu. Originado em período faustoso da extração do ouro, em inícios do século XVIII, é citado em acontecimentos relativos à Guerra dos Emboabas já no ano de 1709 (Códice Costa Matoso, p. 198, v. I, 1999). Sua população, crescente à época, vivia basicamente de atividades ligadas à mineração, e com a decadência desta, o arraial cai quase no ostracismo, passando a ser citado em várias obras apenas como local de passagem, por sua proximidade com a Mina do Cuiabá e com a Serra da Piedade. Diogo de Vasconcelos, ao visitá-lo em fins do século XIX, faz a seguinte observação: “Visitamos o arraial de Pompeu, reduzido hoje a mui poucas casas, paupérrimas. [...] Respira-se naquele ambiente a lembrança de um povo, que o ouro iludiu em sua efêmera alacridade.” (p. 179, 1904). Também o Imperador Dom Pedro II por lá passou, quando em visita a Minas Gerais no ano de 1881. Partindo do centro de Sabará, onde visitou a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, rendendo-lhe elogios, seguiu em direção à Mina do Cuiabá. Ao passar por Pompéu, fez o seguinte registro em seu diário: “Às oito (h), pequeno arraial, quase abandonado de Pompéu, onde houve mina de ouro.” (ALVARENGA, 2012, p. 89).

Apesar de não se poder precisar a data correta da construção da capela, sabe-se que já se encontrava ereta em 1731, ano referente a Registro de Batismo, preservado no

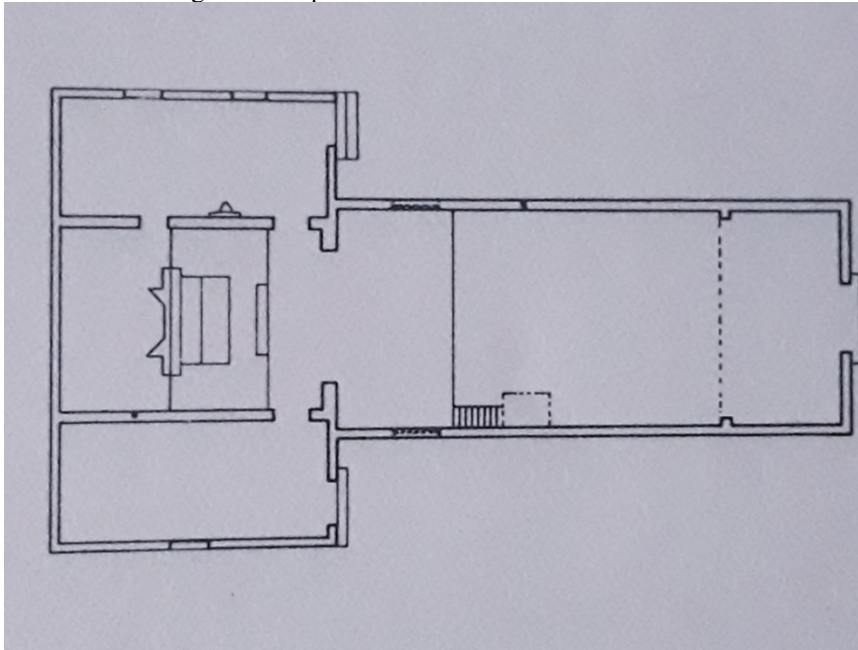
Arquivo Arquidiocesano de Belo Horizonte. Em estudos da área, ela é pouquíssimo mencionada e, além da informação documental do Registro de Batismo já citado, sabe-se que no ano de 1748 seu capelão era José Lopes da Rocha (TRINDADE, 1945, p. 366,) e que se tornara capela curada no ano de 1758, sendo esses os registros mais antigos que se têm documentado e que foram encontrados até o momento. Ávila aponta, ainda, documentos localizados no Museu do Ouro, datados de 1809, em que se descreve a existência de “alfaias consideráveis e importantes” na capelinha de Pompéu e, em outro documento, de quinze anos depois, a informação de que se tratava de “uma rica capela paramentada com todo o preciso” e dotada do “seu respectivo patrimônio” (1976, p. 57). Zoroastro Viana Passos, em sua obra “Em torno da História do Sabará” (1940), importante registro sobre a história da cidade e suas igrejas, apenas menciona, em alguns momentos, sobre o povoado de Pompéu, sem que fosse feita referência à sua Capela, como, por exemplo, no trecho: “O arraial da Barra servia de intermédio entre os do Rio das Velhas e da igreja e dos que ficavam à margem do Sabará, subindo até o Pompéu.” (p. 68).

Para que fosse elaborado um histórico mais preciso da capela, seriam necessárias pesquisas documentais mais profundas e específicas, que, aparentemente, ainda não foram realizadas de forma efetiva. Contando-se, logicamente, que documentos a ela relacionados ainda subsistam, não tendo se perdido ao longo do tempo.

Arquiteticamente (figura 3), a capela segue partido em “T”, tendo no corpo principal nave e capela-mor e, nas laterais desta, a capela do Santíssimo Sacramento e a Sacristia. Quanto à sua ornamentação, possui, repetindo as palavras de Ávilla, interior “bastante despojado [...]” (p. 57, 1976). Isso porque sua nave não possui ornamentação parietal da época de sua construção. Seu púlpito, ainda existente quando da produção do texto do referido autor, era recente e, atualmente, já não existe. O coro possui balaustrada torneada e o forro da nave é confeccionado em esteira.

Sua rusticidade e simplicidade se alteram, entretanto, quando se analisa a ornamentação da capela-mor. Seu arco-cruzeiro e retábulo possuem belíssima talha em estilo nacional-português. O primeiro, com talha profunda e rasa, atualmente não possui douramento ou policromia, à exceção de parte posterior, ao alto, e de trechos esparsos nos *putti*. Possui ornamentação com uso de arabescos em folhas de acanto e enrolamentos, *putti*, cartelas vazias e motivos fitomórficos. Infelizmente, parte de sua talha de se perdeu, sendo levada em ação criminosa sofrida pela capela no ano de 2002.

Figura 3 - Capela de Santo Antônio - Planta baixa



Fonte: Inventário do Patrimônio Cultural – Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte.

O retábulo (figura 4) é ornado com talha profunda de acantos retorcidos e cartelas, e, nas colunas, aves, uvas e parreiras, mascarões e anjos atlantes. Possui farto douramento e policromia nas cores vermelho e azul. Há nele certa semelhança com o retábulo da Capela de Nossa Senhora do Ó e com a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, de Sabará. Em estudo de Bohrer, ele aponta a semelhança na talha de Santo Antônio e da Matriz: “Analisando essas duas peças, não podemos deixar de pensar nas composições da Capela de Santo Antônio de Pompéu, levando-nos a crer que nas duas igrejas atuaram o mesmo riscador (apesar da execução por artistas diferentes, ao que tudo indica).” (BOHRER, 2015, p. 304).

Foi-lhe atribuída possível autoria das obras ao artista Manuel de Mattos, segundo inventário do Iphan (1987), devido à semelhança encontrada, também, com o retábulo da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, de Cachoeira do Campo, especialmente nas esculturas dos *putti*. Esse último possui autoria documentada do referido artista.

Cabe aqui um parêntese para destacar como a devoção a Santo Antônio era largamente disseminada nas Minas Gerais colonial. Segundo estudo realizado por Alves (2005), o número de imagens do santo, remanescentes do período, é superior ao de qualquer outra invocação, inclusive àquelas dedicadas a Nossa Senhora, o que demonstra sua força e popularidade na região durante o século XVIII.

Figura 4 - Altar-mor - Capela de Santo Antônio - Pompéu – Sabará



Foto: Inventário do Patrimônio Cultural – Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte.

Na capela de Pompéu, a ornamentação do forro e das ilhargas da capela-mor fica por conta dos já referidos painéis pictóricos, que retratam milagres e cenas da vida de seu padroeiro, e, apesar de já bem danificados pela ação do tempo, ainda são suscetíveis de análise. Alguns, já se encontram com a pintura bem esmaecida, com marcas de escorrimento e de umidade, e, em outros, no forro, parte do madeiramento se perdeu, sendo substituído em restauração, impossibilitando análise mais profunda, tanto das pinturas, como de sua iconografia. Apesar disso, aqueles localizados no forro apresentam uma melhor clareza da figuração até do que os que se encontram nas paredes. Apenas um deles, parietal, se perdeu totalmente, não se sabendo do que se tratava sua representação.

Apesar do delicado estado de conservação das obras, os painéis da capelinha de Pompéu já estiveram em piores condições no início da década de 1980, quando foram prodigiosamente recuperados pelo Iepha/MG, em trabalhos de restauração efetuados em toda a capela, entre os anos de 1982 a 1984. Em relatório apresentado no período, a equipe de vistoria constata o seu péssimo estado de conservação: “O forro da capela-mor é exemplo máximo desse tipo de ocorrência, pois caiu em sua maioria, fazendo-se necessária a retirada do restante pela população local, no ano de 1980, visto o perigo de ocorrer novos desabamentos.” Em outro trecho consta que “encontrava-se desmontado e entulhado debaixo da mesa do retábulo, juntamente com diversos pedaços de talha, em

contato constante com a umidade.” Sobre os painéis parietais, consta a seguinte informação: “Os forros parietais sofreram deslocamento e estavam bastante carcomidos, além de apresentarem repintura sobre os painéis inferiores.” (IEPHA/MG).

Em número de doze, sendo seis no forro de caixotões e três em cada uma das paredes, os painéis têm formato retangular e apresentam emolduramento simples, sem grande detalhamento como nos painéis citados por Costa: “[...] emoldurados com talha ou desenho de arabescos [...]” (1961, p. 177), exemplificados na Capela do Ó. Restam neles, entretanto, vestígios de douramento, que se perdeu, e em alguns, pintura em vermelho e azul, em consonância com as cores encontradas no retábulo.

A pintura foi executada em têmpera sobre madeira, segundo inventário do Iphan, e trabalhada em tonalidades sombrias e escurecidas, em sépia, sem grande variação das cores, prevalecendo os tons de ocre, terra, vermelho e azul. Sua figuração, como é comum nas obras do período, é apresentada de forma estática, sem movimentação, profundidade ou mesmo preocupação com proporções.

As obras não têm autoria atribuída, mas Vasconcelos (p. 137, 1911) chama a atenção para a sua semelhança com as pinturas dos Doze Apóstolos que ornamentam a parte inferior do retábulo da Capela de São João Batista, em Ouro Preto, sendo, segundo ele, possivelmente de mesmo artista. Percebe-se, nelas, representações de forma primitiva e ingênua, que apresentam certa familiaridade, também, com aquelas encontradas na Capela de Nossa Senhora do Ó, talvez com menos toques de refinamento artístico, mas também apresentando traços de influência oriental, como na já mencionada talha do retábulo e do arco-cruzeiro, notadamente nos olhos alongados das figuras, vestes e penteados. Pode-se, ainda, conjecturar mais de uma autoria das obras, se analisar a distinção entre as representações de Santo Antônio encontradas no forro e nas ilhargas (figura 5). Nessas últimas, nota-se mais claramente os traços de influência oriental.

Conforme dito anteriormente, as composições assinalam passagens da vida de Santo Antônio e alguns de seus milagres, a maior parte deles relatados do *Livro dos Milagres* ou *Florinhas de Santo Antônio*, aos quais foram atribuídas denominação descrita a seguir de acordo com sua localização.

Figura 5 - Representações de Santo Antônio. À esquerda, figuração de painéis parietais, e, à direita, de painéis do forro



Foto: Inventário do Patrimônio Cultural – Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte.

Nas paredes da capela-mor, os painéis têm os seguintes temas:

Do lado esquerdo:

Santo Antônio salva um homem de morrer esmagado.

Painel Mutilado.

Responsório de Santo Antônio Siqueris Miracula.

Do lado direito:

Milagre do menino no caldeirão de água fervente.

O fingido e o verdadeiro morto.

Antífona O proles Hispaniae.

Nos caixotões do forro, os temas são os seguintes:

A genuflexão da mula diante do Santíssimo Sacramento.

Visão de Santo Antônio (parcialmente destruído).

Sermão aos peixes.

Santo Antônio advoga por seu pai.

Visão de Nossa Senhora com o Menino Jesus (parcialmente destruído).

Morto fala em defesa do pai de Frei Antônio.

Não se sabe se o artista teve a preocupação em colocar algum tipo de sequência na disposição das obras ou se elas podem ter sido modificadas de seus primitivos locais em meio às restaurações pelas quais passou. Apenas duas delas fazem parte de uma

mesma narrativa, mostrando dois momentos em que Santo Antônio sai em defesa de seu pai, condenado injustamente por crime de assassinato. Esses painéis, no entanto, localizam-se em posições descontinuadas, tendo entre eles o painel Visão de Nossa Senhora com o Menino Jesus. Algumas de suas representações possuem milagres já bem conhecidos do santo taumaturgo, como o Sermão aos peixes e A genuflexão da mula diante do Santíssimo Sacramento (figura 6). “Oh! maravilha de contar! O animal, apesar de tão atormentado pela fome, quando ouviu as palavras de Santo Antônio, logo parou de comer, e abaixou a cabeça, e caiu de joelhos diante do Sacramento.” (p. 77). Em outras, mesmo após inúmeras pesquisas, pôde-se apenas supor sobre o tema representado, como o painel Santo Antônio salva um homem de morrer esmagado, análise esta prejudicada pela pouca visibilidade da composição, já bastante danificada.

Figura 6 - Forro da capela-mor - Painel "A genuflexão da mula diante do Santíssimo Sacramento"



Foto: Inventário do Patrimônio Cultural – Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte

É importante salientar que, em todas as análises iconográficas, podem ser encontradas pequenas variações nos contos, dependendo da referência bibliográfica utilizada. No presente estudo, teve-se como base principal, o texto *Florinhas de Santo Antônio ou O Livro dos Milagres*, mas a bibliografia concernente aos milagres de Santo Antônio e sua vida, é vastíssima, sendo encontrados textos em vários idiomas e de vários períodos históricos, demonstrando a grande popularidade de sua devoção.

Outros temas importantes da iconografia antoniana, as visões que o Santo teria vivenciado de Nossa Senhora e do Menino Jesus, recebem lugar de honra ao centro do forro. Infelizmente, são essas as obras danificadas que tiveram seu tabuado substituído, não se podendo analisá-las com mais profundidade. Além desses, outro painel teve sua figuração prejudicada pela ação do tempo, desta vez, com perda total da figuração. Trata-se do painel localizado na parede esquerda, mais especificamente na porção superior direita. Da composição, resta apenas fração de par de pernas a caminhar, posicionados, entretanto, na horizontal, o que traz questionamento se faz de parte da pintura original. Mesmo esta, se encontra bastante esmaecida.

A tendência orientalizante, tão em uso no período, pode ser percebida em suas cores, em especial no vermelho marcante, e nos traços das figuras. Esses são nítidos no painel *Milagre do menino no caldeirão de água fervente*, notadamente na figura feminina, evidenciada em seu penteado e olhos alongados (figura 7).

Figura 7 - Detalhe do painel parietal "Milagre do caldeirão de água fervente".



Foto: Inventário do Patrimônio Cultural – Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte

Chama a atenção a existência de dois painéis localizados na porção inferior das ilhargas da capela-mor, em que constam orações em latim, tradicionais da devoção a

Santo Antônio. São compostos por cartela central, onde se encontra a inscrição, envolta por decoração voluptuosa com acantos e conchas em volutas e enrolamentos, dispostos simetricamente. Possui, ainda, rosácea ao alto e cornucópias com flores e ramagens nas laterais. O uso das cores repete a fórmula encontrada nos demais painéis, com tons de ocre, em sépia, e moldura em meia-cana em vermelho e azul.

A oração *Siqueris Miracula*, constante no painel localizado na parede esquerda da capela-mor, é conhecida como Responsório de Santo Antônio. É uma de suas orações mais antigas, e faz parte do “Officium Rhythmicum S. Antonii” (Ofício Rítmico de Santo Antônio), datado de cerca 1235, atribuída a Frei Giuliano de Spira. É costume em muitas igrejas, franciscanas ou não, que se cante ou se reze o Responsório de Santo Antônio no dia 13 de junho, data que lhe é dedicada por ser o dia de sua morte.

A segunda oração, localizada na parede direita da capela-mor, se trata da Antífona *O proles Hispaniae*, seguida do *Oremus, Ecclesiam tuam*. Essas duas, unidas, formam a *Conclusio Horae*, do *Officium Parvum de S. Antonio Paduano*. Encontrada em vários textos franciscanos, é atribuída a diversos autores, sem confirmação exata.

Tratam-se, assim, de duas orações que deveriam ser “cantadas” em louvor a Santo Antônio. Em estudo realizado na obra *Música no Brasil Colonial*, Duprát destaca, entretanto, a singularidade da peça *Siqueris Miracula* entre as composições do período, que contém pouquíssimas obras dedicadas a Santo Antônio. As peças em louvor desse santo, novenas, trezenas, hinos e o responsório aqui apresentado, comuns em Portugal, não parecem ter tido a mesma voga no Brasil colonial. [...] É certo, porém, que ainda que escassas, não estão ausentes em Minas Gerais. (p. 14, 1994). Não se sabe o papel que teriam representado na capela. Se eram interpretadas em forma de canto, oração, ou se seus painéis teriam apenas sentido ornamental, mas aponta-se aqui a particularidade do conteúdo de tais obras em meio àquelas dedicadas ao santo no Brasil.

A partir de todas essas observações apresentadas, conclui-se, enfim, que a Capela de Santo Antônio, em Pompéu, apesar de sua relativa simplicidade, guarda um acervo valiosíssimo, digno não só de nota, mas de estudo aprofundado. Tanto seu retábulo e arco-cruzeiro, quanto seus painéis da capela-mor, conservam amostras de um período opulento para a arte sacra mineira, que deve ser preservado não só por seu valor histórico e artístico, mas pelo grande valor devocional que ainda possui em sua comunidade, entre seus fiéis. Espera-se que o estudo efetuado pelo Inventário do Patrimônio Cultural, do Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, seja apenas um

prelúdio de outras pesquisas, em que a produção do conhecimento acadêmico se alie à preservação do patrimônio, sempre primando pelo respeito à devoção das comunidades, impulso criador inicial de tantas obras de arte.

Referências Bibliográficas

ALVARENGA, Susiely. *As viagens de D. Pedro II à Província de Minas Gerais em 1881: festividades, política e ciência*. 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História, Mariana – Minas Gerais.

ALVES, Célio Macedo. Um estudo iconográfico. In.: COELHO, Beatriz (org.). *Devoção e Arte*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. P. 69 a 122.

ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. Pintura colonial em Minas Gerais. *Revista Sphan*. n° 18, p. 11 a 47. Rio de Janeiro, 1978.

ÁVILA, Affonso. Igrejas e Capelas de Sabará. *Revista Barroco*, Belo Horizonte, v. 8. p. 21-65, 1976.

BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1956. 2v.

BOHRER, Alex Fernandes. *A talha do estilo nacional português em Minas Gerais: contexto sociocultural e produção artística*. 2015. 2 V. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte – Minas Gerais.

CÓDICE Costa Matoso: coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-geral das do Ouro Pre. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1999. 2v. (Mineiriana. Obras de referência).

COSTA, Lúcio. *A arquitetura dos jesuítas no Brasil*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais, 1961.

D’ALESSIO, Márcia Mansour. Metamorfoses do Patrimônio. O papel do historiador. *Revista Iphan*. N° 34, p. 79 a 89. Rio de Janeiro, 2012.

DUPRAT, Régis. *Música do Brasil Colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Ouro Preto (MG): Museu da Inconfidência, 1994.

IEPHA/MG. *Sabará / Mestre Caetano – Povoado Pompéu – Capela de Santo Antônio – Projeto*. Relatórios de obras de restauração da Capela Santo Antônio. 1982-1984.

IEPHA/MG. *Sabará / Pompéu – Capela de Santo Antônio*. Relatório de restauração dos elementos artísticos. 1982-1984.

LIVRO dos Milagres ou Florinhas de Santo Antônio de Lisboa. *Santo Antônio de Lisboa: Fontes Antonianas*. Disponível em: < santo-antonio.webnode.pt/fontes-antonianas/ >. Acesso em outubro de 2014.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Barroco e Rococó na arquitetura religiosa de Minas Gerais. In.: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Org.). *As Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Companhia do Tempo, Autêntica, 2007. 2v.

PASSOS, Zoroastro Viana. *Em torno da história do Sabará*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1942.

PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA OS BENS CULTURAIS DA IGREJA. *Necessidade e Urgência da Inventariação e Catalogação do Patrimônio Cultural da Igreja*. Carta Circular. Cidade do Vaticano, 1999.

RODRIGUES, Ana Rita. As pinturas de tectos em caixotões – Séculos XVII e XVIII - A Igreja do antigo convento do Salvador. *Revista estudos de conservação e restauro*. Edição n.º 2, 2010. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/ecr/article/view/3157>> Acesso em junho de 2019.

SPHAN. *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados: Capela Santo Antônio - Pompéu*. Ministério da Cultura, 1987.

TRINDADE, Raymundo Octavio da. *Instituições de igrejas no bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945.

VASCONCELOS, Diogo de. As obras de Arte. In.: *Bi-centenário de Ouro Preto – 1711-1911*. Memória Histórica. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, s/d. p. 134 a 184.

VASCONCELOS, Diogo de. *História antiga das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1904.